

Reflexões sobre a obra pedagogia do oprimido**Reflections on the work pedagogy of the oppressed**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

Resenhado por / *Reviewed by*: Rosa Jussara Bonfim Silva¹

265

Um dos maiores intelectuais do século XX, Paulo Freire elaborou uma compreensão ético-crítico-política da educação, que tem como eixo norteador o diálogo como caminho para a conscientização. A obra clássica de Freire *Pedagogia do oprimido* foi construída durante os cinco anos de exílio no Chile e sendo concretizada em 1968.

Esta bela obra atualíssima, foi proibida no Brasil pela ditadura militar e permaneceu inédita em nosso país até 1974. Este livro não faz apenas referência à educação brasileira, mas principalmente a cultura do nosso país.

Pedagogia do oprimido traz em seu prefácio a definição do que se espera por prática de liberdade, que seria o oprimido ter condições de reflexivamente descobrir-se e conquistar-se como sujeito por meio de possibilidades concretas. Tendo em vista que a verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade das “práxis”.

Mas o que seria essas práxis para Paulo Freire? Para o autor, o exercício que ele denominava de práxis é a existência de uma coerência entre equilibrar teoria/prática, reflexão/ação/reflexão, texto/contexto, vida/trabalho/subjetividade. Uma vez que é na interligação destes fatores que se integram e se complementam o processo histórico de humanização.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB), professora do Curso de Pedagogia da Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM. E-mail: rosajussarabonfim@gmail.com

Recebido em 30/10/2021

Aprovado em 04/11/2021

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Neste contexto dialético, Freire inicia-se sua tessitura da obra que marcou e marca a educação brasileira, haja vista que as afirmações no decorrer destes escritos trazem uma abordagem crítica e cooperada com a necessidade de libertação das classes populares por meio de situações concretas, considerando assim a sala de aula como espaço de humanização e libertação.

A contradição opressores-oprimidos e sua superação

266

Para Freire, existe uma falsa generosidade manifestada pelos opressores, que nasce por meio da dependência e fragilidade dos oprimidos. É na fonte da necessidade do oprimido que se concretiza a opressão do opressor. Uma vez, que as generosidades dos “abastados” não proporcionam um bem-estar sólido ao oprimido, mas impulsiona uma constante busca por uma mão caridosa.

Assim, o oprimido se torna refém da caridade do opressor, delega-se a ele a função de pensar e de determinar. Haja vista que o instrumento de libertação é justamente o pensamento e a compreensão sobre a necessidade de se buscar uma sociedade mais justa e humanizada, o opressor não poderá exercer este papel, pois só quem vive a opressão poderá compreender a importância da liberdade.

A libertação do oprimido libertará também o opressor. E desta superação surgirá um homem novo, não mais opressor, não mais oprimido, mas libertador.

A situação concreta de opressão e os opressores

De acordo com Freire, a opressão é uma situação que se consolida por gerações. Para que se acabe, é preciso que o opressor sinta a situação do oprimido, perceba suas privações, suas angústias e seus sofrimentos. Reconhecer a condição de opressão parte do pressuposto de reconhecer também que não se pode contentar com estas desigualdades que violentam os seres humanos e os coisificam.

O autor enfatiza que, numa condição de opressão, o ser é substituído pelo ter. O bem financeiro é o marco para tudo e para todos. A humanização passa a ser apenas para quem possuem bens. Assim, essa é uma falsa humanização, pois priva a maioria em benefício da minoria. Onde esta mesma minoria “generosamente” oferece uma ajuda que mal suprema as necessidades básicas temporariamente.

É preciso inquietar-se com as situações de exploração, é preciso perceber estas situações de opressão. E ao perceber e inquietar, ser um elo de promoção da liberdade de pensamento, de palavras e de sentimentos. É necessário entender que o povo não é ignorante, e ajudá-los a enxergarem a possibilidade de comungar a conscientização de que todos têm o direito de serem felizes e de viverem dignamente.

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão

267

Para Freire, a luta por libertação perpassa o diálogo crítico, um diálogo que perceba a realidade e que traga a reflexão. Não se pode libertar subjulgando o outro, manipulando ou praticando um discurso em prol da minoria. Isto seria transformar o outro em massa de manobra.

É preciso segundo o autor, que os oprimidos percebam e reflitam sobre suas situações concretas, que não haja apenas por ativismo, mas por perceberem a real importância de se libertarem das situações de opressão e limitação. Para tanto, é preciso aprender a pensar certo, a conscientização da necessidade de lutar por uma situação melhor não apenas para alguns, mas para todos.

A educação como ponte da conscientização, não pode apresentar uma ação pedagógica que legitima a opressão, mas praticar a reflexão/ação/reflexão de maneira a ultrapassar o campo do que já está estabelecido, trazendo o autorreconhecimento da condição de opressão, mas possibilitando a reflexão sobre a possibilidade da libertação.

Freire salienta ainda que em uma educação libertadora, a prática pedagógica deixa de ser um método de controle e passa a ser um processo de conscientização. O educador e o educando se cointencionam em busca de uma ação que agregue atitudes que irão possibilitar o pensar certo sobre as questões que permeiam a sociedade.

A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica

Nesta passagem da obra, Freire faz uma análise das relações entre educador e educando. Nestas análises, o autor divide a ação educativa em dois conjuntos: o primeiro é a narração de conteúdos, que a repetição de modelos pré-estabelecidos onde existe o professor que narra às

situações e o educando na posição de ouvinte. Neste conjunto, não há uma relação dialógica, uma vez que não há trocas, o conhecimento é repassado como algo estático e completamente alheio à experiência real dos educandos. A tarefa do educador é “encher” os educandos de conteúdos desconectados da realidade e a tarefa dos educandos é de serem meros depósitos de informações.

Este conjunto desconexo é chamado pelo autor de pedagogia “bancária”, que é o depósito de informações dadas pelo educador, visto como o detentor do saber para o educando que é tido como uma tábua rasa que irá se moldando de acordo com as informações fornecidas.

Nesta concepção bancária, o educador se aliena em uma posição de saber absoluto e utiliza deste suposto “poder” para subjugar os saberes dos educandos, estes por sua vez se acomodam com tal situação de passividade e legitimam ainda mais a postura do educador bancário.

Nesta concepção de educação bancária, um é o detentor do saber, é para que haja este dono do saber, é necessário que exista os que não sabem para que esta relação se concretize. Esta relação é marcada pela passividade, pela falsa generosidade e por uma educação beneficente.

A concepção problematizadora e libertadora da educação. Seus pressupostos

O segundo bloco levantado pelo autor, se caracteriza por uma pedagogia libertadora. Nela, se permeia um pensamento revolucionário, onde não há espaço para dicotomias, mas para posições dialógicas. A prática pedagógica da pedagogia libertadora traz o pensar autêntico, a valorização do saber de todos e a reflexão do pensar certo, do agir em comunhão. Não há espaço para prescrições, moldes pré-estabelecidos, mas para a visão do todo, da participação comunitária.

A educação como prática de liberdade é enfatizada pelo autor como meio de se abrir o campo do diálogo nas salas de aula, concebendo assim a consciência de que há saberes diversos, de que todos podem independente de escolaridade contribuir para com a sociedade, e que estes saberes, esta carga cultural deve ser valorizada.

A concepção “bancária” e a contradição educador-educando

A contradição apresentada por Freire sugere que na pedagogia bancária, exista uma separação entre o homem e o mundo, como se fosse possível desassociar o mundo dos homens e vice-versa. Para o autor, a concepção bancária é contraditória, pois a sua prática pedagógica nega a existência do outro, nega a complexidade que o mundo carrega. Esta negação é manifestada pelo pensamento monológico, pelo “engessamento” do conhecimento e pela postura autoritária do educador.

A educação se faz por meio da comunicação solidária entre os sujeitos e independe de posição social. Portanto, o pensamento do educador só poderá ser autêntico, diante da autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados pela realidade de ambos. O pensamento não deve ser imposto, mas construído por meio das diversidades históricas e culturais.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo

O diálogo é parte fundamental para que se concretize uma prática pedagógica libertadora. Nela, educador e educando se tornam sujeitos no processo de aprendizagem, ambos são chamados a conhecer os caminhos e os saberes. Nesta perspectiva não há espaço para o conhecimento compartimentado, mas para a problematização e a criticidade.

O espaço educacional se torna um desvelamento da realidade, uma inserção crítica do mundo. Os estudantes desta forma são desafiados a pensarem de maneira autêntica o seu papel no mundo.

Homenagem ao Centenário de Paulo Freire

Herança

Como patrono da educação, Paulo Freire não decepcionou.

Por toda a Educação Brasileira muito lutou.

Deixou em suas obras a herança da esperança, da luta e do saber.

Marcou vidas e fez história, respeitado em todo o mundo, seu legado está eternizado.

A herança dos seus escritos se entrelaçam com as suas ações,

Demonstram à nós educadores que da vida nada se leva, além da vida que se leva.

Sua herança se funde com a sua presença que está em cada ato de educar.

*Parabéns Paulo Freire pelo seu centenário e gratidão por nos ensinar a viver a educação
com paixão.*